

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ - FAG
GABRIELI AMORIN

UMA ABORDAGEM SOBRE A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CASCADEL

2021

GABRIELI AMORIN

UMA ABORDAGEM SOBRE A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso: Artigo, do curso de Pedagogia, do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG.

Professora Orientadora: Marilena Lemes Marques Salvati.

CASCADEL

2021

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ - FAG

GABRIELI AMORIN

UMA ABORDAGEM SOBRE A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho apresentado no Curso de Pedagogia, do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Professora Especialista Marilena Lemes Marques Salvati.

BANCA EXAMINADORA

Marilena Lemes Marques Salvati
Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG
Especialista

Jussara Chagas de Lima
Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG
Especialista

Camila Poeski
Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG
Especialista

Cascavel/PR, 08 de novembro de 2021.

UMA ABORDAGEM SOBRE A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

AMORIN, Gabrieli¹
SALVATI, Marilena Lemes Marques²

RESUMO

Este estudo busca refletir sobre os aspectos da sexualidade na Educação Infantil, bem como, compreender os elementos norteadores adotados pelo professor no processo de ensino aprendizagem, visto que o mesmo tende a ter dificuldades em abordar sobre a sexualidade com os alunos. Nesse sentido, esta pesquisa retrata como a sexualidade faz parte do cotidiano da sala de aula, as dificuldades encontradas pelo professor, ou seja, a preocupação em esclarecer e orientar os alunos da maneira correta, os quais passam a contar com cursos de formação continuada, a fim de desempenharem melhor o seu papel diante da manifestação da sexualidade das crianças. Salienta-se que a sexualidade não é apenas o ato sexual, como se é disseminado, mas também é uma abordagem que deve ser trabalhada com respaldo por meio de metodologias variadas, a fim de facilitar a aprendizagem da criança, para que ela possa se conhecer e desenvolver-se com mais facilidade. Assim, dentre os referenciais teóricos utilizados para fundamentar esta pesquisa, destaca-se Bento (2010), Bona Junior (2011), Foucault (2005), Guimarães (2006), Suplicy (1990), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Educação Infantil. Professores. Alunos.

AN APPROACH TO SEXUALITY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

ABSTRACT

This study seeks to reflect on aspects of sexuality in early childhood education, as well as to understand the guiding elements adopted by the teacher in the teaching-learning process, as he tends to have difficulties in addressing sexuality with students. In this sense, this research portrays how sexuality is part of everyday life in the classroom, the difficulties encountered by the teacher, that is, the concern to clarify and guide students in the correct way, who now have continuing education courses, in order to better play their role in the manifestation of children's sexuality. It should be noted that sexuality is not just the sexual act, as it is disseminated, but it is also an approach that must be supported through various methodologies, in order to facilitate the child's learning, so that he can get to know himself and develop more easily. Thus, among the theoretical references used to support this research, Bento (2010), Bona Junior (2011), Foucault (2005), Guimarães (2006), Suplicy (1990), among others, stand out.

KEYWORDS: Sexuality. Child education. Teachers. Students.

1 INTRODUÇÃO

A infância percorreu um longo caminho para ser reconhecida como direito da criança e como uma das fases mais importantes para a vida do indivíduo, isto é, regado de muita desinformação e preconceito. A sexualidade é vista como uma construção social definida por

¹Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. E-mail: gabi18amorin@gmail.com.

²Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. E-mail: marilenasalvati@hotmail.com.

marcas culturais impressas antes mesmo da concepção de um bebê. Desta forma, a sexualidade mostra-se presente desde a experiência sexual para fecundar o embrião, passando pelo imaginário dos pais acerca do gênero desta criança e pelas construções afetivas destinadas a este futuro bebê e que durante todo o processo de espera da gestação, a sexualidade já se faz presente.

Nesse sentido, é importante elencar que o referencial adotado aqui será sobre os aspectos que envolvem a própria educação escolar como meio de compreender as dificuldades que o professor tem em abordar sobre a sexualidade com os alunos, entendendo que é um tema delicado de ser discutido tanto em casa quanto na escola, uma vez que quando a criança questiona algo referente ao assunto, acaba gerando certo desconforto ou ansiedade no adulto, exatamente pela falta de preparo e de segurança com relação ao tema.

Diante disso, emerge neste estudo o interesse em buscar compreender os aspectos que abordam a temática sexualidade, visto que a mesma é complicada, principalmente por ser uma das dimensões do ser humano que dão sentido ao que as pessoas são e isto acaba causando certo estranhamento do ser humano com sua sexualidade e por consequência, consigo mesmo. Assim sendo, é imprescindível um maior conhecimento teórico sobre a sexualidade infantil para evitar inadequações na condução e diálogo desses comportamentos, os quais são de natureza humana. A problemática surge então, no sentido de compreender como a sexualidade se manifesta durante o desenvolvimento do indivíduo, levando-o a questionar sobre seu corpo, seus gostos, suas ações no dia a dia em sociedade, bem como sobre sua própria identidade, ou seja, menino e menina.

Por conseguinte, o presente estudo e objetivos apoiam-se no processo de formação dos professores, estes que se sentem despreparados para realizar um trabalho de qualidade acerca desta temática e que a partir disso, utiliza-se de cursos de formação continuada para aperfeiçoarem suas metodologias de ensino e assim, garantirem uma educação de qualidade aos alunos.

Para dar conta dos objetivos mencionados, esta pesquisa utilizou-se de uma metodologia de cunho bibliográfico, em uma abordagem qualitativa, que permite ao pesquisador uma intensa exploração do tema investigado, uma vez que abrange várias questões dos problemas elencados, tendo como aporte teórico autores como: Bento (2010), Bona Junior (2011), Foucault (2005), Guimarães (2006), Suplicy (1990), dentre outros, que estudam e analisam o desenvolvimento da criança/adolescente e os aspectos da Sexualidade na Educação Infantil.

Para dar conta dessa temática, estruturou-se a pesquisa em quatro tópicos, com os quais se acredita desenvolver o problema proposto. Após a introdução, apresenta-se uma abordagem sobre a criança e a sexualidade. Investiga-se também, sobre o corpo sexuado - menino e menina. E ainda, sobre a Formação Continuada - Professores e a Sexualidade. Já no penúltimo tópico, ressalta-se sobre a Orientação Sexual na Escola. Por fim, o último tópico que apresenta a análise e discussão do tema proposto, seguido das considerações finais.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A CRIANÇA E A SEXUALIDADE

A criança, atualmente, é vista como um indivíduo de natureza singular, caracterizando-se como um ser que sente e pensa o mundo de um jeito próprio. Ainda se pode compreender a infância como algo não afetado pelo tempo, permeado por uma dependência, pois ao compreendermos todo o processo que englobou o conceito de infância, o ser criança e suas especificidades na sociedade, o qual mostra a mesma conquistando sua autonomia intelectual, assim como sua autonomia moral, perde-se a percepção do por que dos processos constitutivos que vieram a constituí-las como crianças, de modo que a infância seja percebida como uma fase de inocência/perfeição (BENTO, 2010).

A partir disso, compreende-se que o corpo da criança é visto como a matriz da sua sexualidade, na medida em que, por seu intermédio, sente o mundo desde o nascimento, quer dizer, pela proximidade física e mental dos pais ou de quem desempenha esse papel, o indivíduo percebe a sensação de segurança, amor e outros afetos desempenhados pelos responsáveis legais, assim estes indivíduos mesmo que ainda com pouca idade e racionalidade, desenvolvem-se interagindo com suas culturas num processo de construir e viver seus corpos segundo experiências, linguagens, fantasias, representações, símbolos entre outros, transformando o corpo biológico num corpo histórico e com sentido social (BONA JUNIOR, 2011).

Ainda sob esta perspectiva, é visto que na infância, a sexualidade pode-se manifestar através das brincadeiras, nos momentos de descontração da criança, seja na escola com os amigos ou em casa com irmãos, primos ou na rua com os vizinhos. Neste sentido, acredita-se que a sexualidade da criança, no seu contexto infantil, é revelada a partir da experiência de prazeres com registros profundos de sensações que a memória do corpo não esquece e a partir disso, surge a importância do bom estímulo e cuidado ao se trabalhar com as crianças em casa

e também na escola sob a temática, uma vez que irá gerar experiências muito significativas, estas que a criança irá carregar para toda a vida.

Conforme Louro (1999):

Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas de como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam (LOURO, 1999, p.11).

Neste contexto, é importante compreender que a sexualidade está presente em toda a vida do indivíduo, sendo um dos fatores que complementam a formação do sujeito como pessoa, assim percebe-se que o meio inserido, pode vir a interferir na formação do indivíduo, dito na formação intelectual, como na formação física, ou seja, o adulto tem a capacidade de incentivar e interferir na construção e na reprodução de atitudes voltadas a sexualidade e que também, muitas vezes possibilita ações positivas em relação ao conhecer seu corpo, suas especificidades, mas também podem ocasionar a esta criança em desenvolvimento, atitudes preconceituosas, precoces em relação à sexualidade, fazendo com que traumas, crenças e tabus sejam impostos sobre os indivíduos (LOURO, 1999).

Ainda, essas atitudes criadas em relação ao corpo e sua sexualidade, regularmente são manifestadas por adultos que mantêm um contato diário com essa criança, isto é, muitas crenças, tabus e outros preconceitos são criados dentro de casa, a partir do contato com os pais e/ou responsáveis. Desse modo, percebe-se que a criança conforme vai se desenvolvendo, também cria suas próprias experiências e identidades, por meio de interferências que lhes foram oferecidas desde o seu nascimento.

Conforme Suplicy (1990), o desenvolvimento da capacidade de dar e receber prazer inicia desde cedo, quando o bebê brinca com seus órgãos genitais, ele está conhecendo a si mesmo, e inicia-se com essas ações um processo que põe em funcionamento o estímulo e resposta sexual. Dessa maneira, a sexualidade infantil, precisa ser desenvolvida positivamente desde a infância, para que as crianças tenham mais facilidade para relacionar-se afetivamente com o outro.

Ainda sob a visão de Suplicy (1990):

O prazer proporcionado pelo toque é muito importante para o desenvolvimento sexual da criança, mas muitas vezes essas atitudes não são aceitas, e nem estimuladas pelos pais. É a partir destas descobertas individuais, da troca de carinho entre os pais que a criança irá construir uma sexualidade sem preconceitos. A presença do papel dos pais é muito importante, pois qualquer atitude negativa ou contraditória em relação às descobertas da criança poderá prejudica-la futuramente, causando problemas sexuais ou conjugais quando adultos (SUPLICY, 1990, p.37).

Nesse sentido, é preciso rever estes papéis sexuais estereotipados para que as crianças possam viver de acordo com sua identidade sexual, sem que se desenvolvam exclusivamente por meio de interferências de outro indivíduo.

O estímulo para que os meninos sejam competitivos, agressivos, ambiciosos e autoritários induz a determinado tipo de comportamento sexual. Não é do nada que surgem os namorados e maridos proibidores, possessivos e autoritários. A criação das meninas para serem boazinhas, carinhosas e passivas tende a gerar moças inseguras, que não se percebem autônomas e buscam segurança e identidade na atitude de sempre agradar ao outro, mesmo quando isso as desagrada (SUPLICY, 1990, p.37).

Em síntese, é importante compreender que a relação com os pais é o primeiro contato de grande importância para o desenvolvimento da criança e por isso é imprescindível que a mesma se sinta amada, protegida, pois tudo que ocorrer a sua volta, irá influenciar em seu desenvolvimento pessoal, tal como sexual, por isso a mesma precisa se reconhecer e sentir-se acolhida e amada para mais tarde poder utilizar destes estímulos recebidos, respondendo a uma vida sexual sem preconceitos e conflitos, isto em seu meio inserido, bem como no âmbito educacional.

2.2 CORPO SEXUADO: MENINO E MENINA

Na história sobre os estudos dos corpos sexuados, compreende-se a humanidade como parte das espécies de reprodução sexuada que tem dois sexos anatomofisiológicos. Deste modo, a sociedade se organizará confiando nessa diferença sexual, de tal modo que existir é, antes de tudo, ser homem ou ser mulher. Nesse sentido, pode-se utilizar como exemplo/referencial, uma mulher grávida, conforme os meses passam, aumenta a ansiedade em saber o sexo da criança, a partir daí, a revelação evoca um conjunto de expectativas, ou melhor, logo a sociedade irá receber uma menina ou um menino, seguindo-se de expectativas em relação ao seu comportamento, tipo de vestimenta, gestos, olhares, estes que seguirá a lógica dos gêneros e estes sinais, darão visibilidade ao corpo, qualificando-o dentro de uma categoria de humano (BENTO, 2010).

Complementando a ideia, o autor ainda ressalta:

As promessas e expectativas que se produzem para cada um desses corpos sexuados, tais como virilidade e força versus instinto materno e amor. Agir de acordo com um/a homem/mulher seria pôr em ação verdades que se acreditam estar fundamentadas na natureza sexuada daquele corpo (BENTO, 2010, p.2).

A partir disso, é importante ressaltar que a criança se descobre num corpo sexuado de menino ou menina e com isso passa a se preocupar mais intensamente com as diferenças entre os sexos, não só as anatômicas, mas todas as expressões que caracterizam o homem e a mulher. Esta construção do que é pertencer, se manifestará a partir do tratamento diferenciado dado as meninas e meninos, a partir dos padrões já impostos pela sociedade, estes que são oriundos de representações sociais e transmitidas através da educação, a partir das relações de gêneros, fazendo com que a criança tome essas representações, possibilitando a constituição da identidade desse indivíduo (BRASIL, 2006).

Nessa perspectiva, é importante discutir sobre os Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil (2006), que irá indicar inúmeras experiências pedagógicas, assim como as posturas dos professores e/ou alunos, como também modelos de estudos em relação à sexualidade na escola em todas as etapas de ensino, abordagem esta, que precisa ser clara, para que seja tratada de forma simples, direta e ampla, para não reduzir sua complexidade e flexibilidade, permitindo o atendimento a conteúdos e situações diversas e por fim, sistemática, para possibilitar aprendizagem e desenvolvimento crescente.

Dentro desta análise, surgirá também o papel da família, ou seja, o trabalho de orientação sexual será um complemento da própria educação advinda de casa e com isso a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a orientação sexual incluída na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores do trabalho, permitindo assim, o diálogo entre a escola e as famílias, assim como, permita que a sexualidade deixe de ser tabu e essa temática ao ser objeto de discussão, irá possibilitar a troca de ideias entre escola, aluno e família (BRASIL, 2006).

Desta maneira, compreende-se que será por meio do diálogo, da reflexão e da possibilidade de reconstruir as informações, pautando-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro, que o aluno conseguirá transformar, ou reafirmar, concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu próprio código de valores e/ou sua identidade como cidadão.

2.3 FORMAÇÃO CONTINUADA: PROFESSORES E A SEXUALIDADE

Atualmente, com os avanços da tecnologia e a constante influência que a mesma gera na sociedade, vê-se a necessidade dos indivíduos em se aperfeiçoarem em suas áreas profissionais, como também é o caso do professor, ou seja, dentro da sala de aula o mesmo

precisa assegurar um processo de ensino e aprendizagem de qualidade, garantindo que o currículo do município e o projeto político pedagógico da instituição de ensino sejam colocados em prática.

Desta maneira, o tema sexualidade na Educação Infantil é um dos tópicos a serem trabalhados ainda na primeira etapa de ensino, mas que muitas vezes por falta de experiência, faz com que o docente tenha medo e se sinta despreparado para discutir o assunto com seus alunos. Assim, diante dos estudos já realizados, percebe-se a necessidade/importância dos cursos de formação continuada para garantir a elaboração de ferramentas metodológicas que possibilitassem um aprendizado significativo.

Segundo Guimarães (2006):

Os problemas da formação de professores só podem encontrar soluções satisfatórias se compreendermos que formação e profissionalização docentes são aspectos indissociáveis e que estão profundamente imbricados na escolha da profissão, na forma de ingresso no campo de atuação, no acolhimento no local de trabalho, nas formas de organização e produção do trabalho escolar, no grau de satisfação profissional com a carreira e com a profissão e nas perspectivas de crescimento e desenvolvimento profissional ao longo da vida (GUIMARÃES, 2006, p. 111).

Nesse sentido, visto que os Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil (2006) aborda em sua 1ª parte sobre a orientação sexual na Educação Infantil, bem como no Ensino Fundamental, tornou-se imprescindível à utilização deste documento para trabalhar este tema, o qual está presente em todas as áreas de conhecimento, através da transversalidade de conteúdo, discutindo alguns aspectos relevantes à formação do professor e suas metodologias de ensino com relação à sexualidade na Educação Infantil:

É importante que os educadores reconheçam como legítimas e lícitas, por parte das crianças a busca do prazer e as curiosidades manifestas acerca da sexualidade, uma vez que fazem parte de seu processo de desenvolvimento. Para um consistente trabalho de Orientação Sexual, é necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre alunos e professores (BRASIL, 2006, p. 15).

Além disso, os professores precisam se mostrar disponíveis para conversar a respeito dos temas propostos e abordar as questões de forma direta e esclarecedora, exceção feita às informações que fazem referência à intimidade do educador, mas, logo as informações trazidas pelos alunos a partir de suas experiências serão fundamentais.

De maneira geral, nos Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil (2006), a orientação sexual é entendida como caráter informativo e o que está vinculado à visão da sexualidade perpassa o documento, isto é, a sexualidade é concebida como um dado

da natureza, como algo inerente, necessário e fonte de prazer na vida, sendo uma necessidade básica presente no corpo físico do indivíduo (BRASIL, 2006).

É importante ressaltar ainda, outros documentos norteadores das práticas educacionais que discutem sobre o desenvolvimento e a sexualidade na Educação Infantil, sendo este a BNCC – Base Nacional Comum Curricular (2017), o mesmo é um documento normativo para as redes de ensino e suas instituições públicas e privadas, e também uma referência obrigatória para a elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para as modalidades de ensino, sendo que dentre suas discussões, uma delas será sobre a sexualidade na Educação Infantil, em que nos termos documentais discutirá sobre o assunto a partir do corpo que interage, solidariza, tem limites, comunica-se, reconhece sensações, tem afetos, gera espaços e desloca-se, aprende o autocuidado e a autonomia dentre outros adjetivos (BRASIL, 2017).

Ainda, segundo a BNCC – Base Nacional Comum Curricular (2017):

As aprendizagens se tornam mais complexas à medida que a criança cresce, requerendo a organização das experiências e vivências em situações estruturadas de aprendizagem. Uma intenção educacional preside as práticas de orientação da criança para alimentar-se, vestir-se, higienizar-se, brincar, desenhar, pintar, recortar, conviver com livros e escutar histórias, realizar experiências, resolver conflitos e trabalhar com outros. A construção de novos conhecimentos implica, por parte do educador, selecionar, organizar, refletir, planejar, medir e monitorar o conjunto das práticas e interações (BRASIL, 2017, p.35).

Deste modo, neste corpo foram instituídos títulos, dando-lhe sentido social, sendo assim, os corpos infantis pautados pela BNCC (2017), depara-se com uma descrição que fazem deles destituídos de subjetivações e construções da ordem da sexualidade, e esta ideia nos remete a uma Educação Infantil voltada a um projeto de corpo infantil assexuado.

Com o corpo (por meio de sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço, os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade (BRASIL, 2017, p.36).

Assim, denota-se a necessidade das crianças demonstrarem a valorização das características de seu corpo, nas diversas atividades das quais participam e em momentos de cuidado de si e do outro, ou seja, sua subjetividade não existirá fora do discurso inserido, assim como, pode-se considerar o silenciamento da sexualidade e da corporeidade uma etapa da Educação Infantil, as quais os indivíduos apropriaram-se de gestos e movimentos de sua cultura e por meio o cuidado de si, atribuem suas identidades (BRASIL, 2017).

Ainda sob esta análise, vale ressaltar também o RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), este é um documento que foi elaborado pelo Ministério da Educação com o objetivo de auxiliar o professor da Educação Infantil no trabalho educativo diário junto às crianças de 0 a 06 anos, tendo como o principal objetivo criar condições para o desenvolvimento integral de todas, respeitando as diversidades culturais de cada região e/ou aluno. Logo, com apoio dos demais documentos, os professores passam a ter um documento voltado a sua região, e com este será possível criar e modificar seus objetivos em sala de aula quer seja para discutir sobre a temática sexualidade na Educação Infantil, ou para qualquer outro assunto voltado a essa etapa de ensino.

Ainda, cabe reforçar que neste documento não contém de forma explícita sobre o tema sexualidade na Educação Infantil, mas diante dos títulos e subtítulos, nos quais esse documento foi organizado, é possível verificar sobre as discussões e posicionamentos de professores e alunos sobre temas de diversidade cultural e temas transversais, visto que se encaixam nesse estudo.

Cabe ao professor a tarefa de individualizar as situações de aprendizagens oferecidas as crianças, considerando suas capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas assim como os conhecimentos que possuem dos mais diferentes assuntos e suas origens socioculturais diversas. Isso significa que o professor deve planejar e oferecer uma gama variada de experiências que responda, simultaneamente, às demandas do grupo e às individualidades de cada criança (BRASIL, 1998, p. 32).

Por fim, outro documento a ser mencionado a este estudo será o Currículo da Rede Municipal de Cascavel - PR (2012), que discutirá sobre o desenvolvimento infantil, caracterizado por revoluções, cujo papel do professor na condução das mesmas é imprescindível. Já a socialização do patrimônio cultural humano tomado como mola propulsora do desenvolvimento das crianças pequenas, é um dos objetivos a serem alcançados na implementação do presente documento curricular, tendo-se como pressuposto que a transmissão planejada dos conhecimentos historicamente sistematizados, deve iniciar já na Educação Infantil que é a primeira etapa da educação básica (BRASIL, 2012).

Considera-se assim, que o acesso ao conhecimento é um direito da criança, tal como o respeito às peculiaridades e/ou identidade como pessoa, isto é, desde seu desenvolvimento intelectual e físico, estes deverão ser conduzidos ao desenvolvimento como cidadão, cada um com sua singularidade e identidade, processo este que será conduzido com o apoio dos pais e professores.

Assim, com a estruturação deste documento, permitiu-se conhecer novas discussões a respeito deste e dos demais materiais auxiliares do processo de aprendizagem, como por

exemplo, os documentos já mencionados acima, os quais se relacionam com a temática da sexualidade na Educação Infantil, e em conjunto permitem um melhor entendimento e desenvolvimento das práticas educacionais, bem como o desenvolvimento dos alunos e reconhecimento sobre suas sexualidades (BRASIL, 2012).

Nesse sentido, essas práticas diárias entre professor e aluno serão criadas a partir da experiência do mesmo em sala de aula e por meio da relação com os cursos de formação continuada, este que possibilitará ao docente uma nova visão sobre suas práticas de ensino, fazendo com que o mesmo saiba se portar frente aos alunos e/ou questões surgidas em sala de aula em relação à sexualidade e diante disso saiba tirar dúvidas, orientar e conduzir os alunos, a fim de possibilitar a aprendizagem sobre o assunto e dentro dessa realidade, espera-se também que estudos sobre a educação sexual aos professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental, favoreçam a otimização nas relações de aprendizagens dentro e fora da instituição de ensino.

2.4 ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

A escola é definida segundo o Dicionário Aurélio (2016), como uma instituição de ensino público ou privado destinado ao ensino coletivo, os quais fornecem o processo de ensino e aprendizagem para discentes, tendo como objetivo a formação e o desenvolvimento de cada indivíduo em seus aspectos culturais, sociais e cognitivos. Desta forma, será nesse ambiente que as experiências pré-adquiridas no ambiente familiar/meio inserido, serão desenvolvidas, isto é, colocadas em práticas pelos alunos, mais especificadamente em sala de aula. Assim sendo, é preciso compreender que será neste ambiente que os demais mecanismos do dispositivo da sexualidade serão desenvolvidos, logo, esses processos precisará ser administrado e controlado.

Conforme Louro (1990), a escola é uma entre as múltiplas instâncias sociais que exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero, colocando em ação várias tecnologias de governo e esses processos prosseguem e se completam através de tecnologias de autodisciplinamento e autogoverno, exercido pelos sujeitos sobre si próprios, havendo um investimento continuado e produtivo desses sujeitos na determinação de suas formas de ser ou jeito de viver sua sexualidade e seu gênero.

Nesse sentido, referindo-se à importância do meio sobre o sujeito, entende-se que os fatores biológicos levam vantagens sobre os sociais, apenas no início da vida, pois as condições e interações humanas particulares é que afetarão o pensamento e as aprendizagens

que irão ajudar no seu desenvolvimento seja este cultural, social, histórico ou sexual. Portanto, as influências e as interações vividas pela criança em seu meio que vão interferir no desenvolvimento infantil, inclusive a mídia através da televisão, estes que traduzem as características emocionais e físicas de personagens apresentados por mulheres e homens (PALANGANA, 1998).

Por conseguinte, através desta análise, surge a necessidade de reforçar como a sexualidade está presente no dia a dia da escola, ou seja, a sexualidade infantil apresenta-se na escola como um grande desafio pela transformação que promove na prática educativa e com isso, é comum que compreendamos como esse assunto é ocultado e silenciado, visto que o mesmo é expresso por crenças, atitudes, valores e relacionamentos, produto de um trabalho permeado por tabus e ocultações, reflexo do que se produz na sociedade.

Em que pese, as crianças são pessoas em relação com as outras e por isso, sujeitas a influências sociais e afetivas nas suas escolhas e na construção de suas identidades e comportamentos e ao expressarem suas sexualidades, tendem a ser alvo de vigilância e ficam enquadrados como figuras desviantes do esperado, por adotarem atitudes ou comportamentos não condizentes com aqueles instituídos e normatizados pelo ambiente escolar (FOUCAULT, 2005).

Ainda, segundo o autor:

A prática docente na educação infantil lida, no dia-a-dia, com experiências problemáticas que levam os educadores a decisões num terreno de grande complexidade, incerteza, singularidade e de conflito de valores relativos ao sexual, quando deparam-se com situações oriundas das crianças regidas por uma “vontade de saber” (FOUCAULT, 2005, p.14).

Conforme Berger (2003), desde seu início, a escola exerceu a ação de distinguir, disciplinar e normalizar os sujeitos, visto que a sexualidade foi negada pela escolarização dos corpos e das mentes, por meio da afirmação do que cada um poderia ou não fazer no dia a dia escolar, estes gestos e sentidos são produzidos na escola e passam a ser inscritos nos corpos de meninos e meninas.

Nesse sentido, Louro (2010) reforça a ideia frisando que:

Na escola aprende-se a olhar e não se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar e se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e uma conheçam os sons, os cheiros e os sabores “bons” e decentes e rejeitem os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar ou, na maior parte das vezes, não tocar (LOURO, 2010, p. 61).

Nesta perspectiva, entende-se que a sexualidade e seu desenvolvimento são permeados pela cultura e a história de cada sociedade, as quais se impõe regras ao comportamento dos indivíduos, fazendo com que essa marca cultural se faça presente no desenvolvimento da sexualidade infantil pela maneira, por exemplo, como os adultos reagem ao prazer manifesto pela criança nos primeiros movimentos exploratórios que fazem em seu corpo e na escola não é diferente, ou seja, é bastante comum as crianças receberem pressões para se comportarem de acordo com os estereótipos sexuais considerados como próprios para meninos e meninas. As meninas tendem a ser traduzidas por posturas de boa aluna, educada, frágil, sentimental dentre outros adjetivos, já dos meninos são esperadas qualidades como ativo, viril, prático, ousado entre outros. Assim, a escola colabora no desenvolvimento de tipos de identidades consideradas como as mais adequadas para meninos e meninas (LOURO, 2010).

Sendo assim, com base em formulações que abordam a temática da sexualidade na Educação Infantil, é necessário adotar atitudes educacionais, juntamente com toda a equipe escolar, o currículo do município e outros documentos que auxiliam nesta discussão, a fim de que os educadores criem novas estratégias educacionais e posturas, para trabalhar sobre essa temática, com o intuito de possibilitar aos alunos um processo de ensino e aprendizagem de qualidade, prezando o desenvolvimento e a identidade dos mesmos e que por meio do ensino possam se desenvolver e se inserir na sociedade de forma integral, modificando-a para melhor.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do levantamento bibliográfico, realizado sobre alguns autores que estudam sobre a Sexualidade na Educação Infantil, pode-se evidenciar como essa temática está presente em nosso cotidiano, desde o nascimento do bebê, bem como será a partir dos estímulos dos pais e meio inserido que a criança irá construir sua própria identidade.

Porém, na escola, passa a ser preocupação e responsabilidade do professor em se aperfeiçoar por meio de cursos de formação continuada e orientar o desenvolvimento dos alunos, respeitando os conhecimentos e experiências já pré-adquiridas por estes.

Da mesma forma, o papel da família e o contato direto com a escola, são apostas para o bom relacionamento entre a escola, alunos e pais, visando sempre o desenvolvimento da criança e o rompimento de tabus, preconceitos e outras emoções impostas pela sociedade e que geram desconfortos e traumas às crianças em seu desenvolvimento social, pessoal e físico.

Outros aspectos discutidos foram às características e desenvolvimento da história da criança ao longo do tempo e como as mesmas são identificadas por suas características, estas físicas e também emocionais, e ao tentarem mudar e/ou ao mudarem essas realidades, são cobradas e julgadas como sujeitos com ações contrárias daquilo que é imposto às gerações.

Do mesmo modo, outros fatores que este estudo trouxe, foi às discussões sobre o papel do professor, este, que muitas vezes está a frente da sala de aula, mas sem preparo profissional, ou seja, temáticas como a sexualidade, ainda causam desconforto e constrangimento aos professores e ao serem questionados ou colocados em situações em relação a sexualidade, tendem a não conseguir orientar e resolver o problema estabelecido, assim surgem os cursos de formação continuada, com o intuito de preparar os professores as realidades do dia a dia na escola, visando sempre a qualidade do ensino e garantindo o desenvolvimento dos alunos por meio de uma metodologia apropriada e emancipadora.

De um modo geral, pode-se perceber, que ainda há muito trabalho a ser feito e que existem muitos paradigmas, tabus, preconceitos a serem modificados, a fim de permitir que o aluno se desenvolva com base em suas experiências, sem serem induzidos ao que a sociedade num modo geral acredita, isto é, por meio da educação pretende-se orientar e encaminhar os alunos a se desenvolverem a partir dos conhecimentos e processos que acreditam se identificar não se redimindo apenas para aquilo que todos dizem ser o certo, diante de sua identificação humana, ou seja, ser homem ou mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, B. **As tecnologias que fazem os gêneros**. In: Congresso Ibero-Americano de Ciência, Tecno-Logia e Gênero, Curitiba, 2010.

BERGER, Kathleen Stassen. **O desenvolvimento da pessoa da infância à adolescência**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003. p. 432.

BONA JUNIOR, A. (Org). **A sexualidade em questão**: estudos e subsídios sobre o abuso e a educação sexual de crianças e adolescentes. União da Vitória: Uniporto, 2011.

BRASIL. **Currículo da Rede Municipal de Educação Básica**. SEMED. Cascavel – PR, 2012.

_____. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil/Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2006.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2017.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira, 1ª Edição, 15ª Impressão, 2016, p 39.

FOUCAULT, M. História da sexualidade 1: **a vontade de saber**. Rio de Janeiro, edição 16, 2005.

GUIMARÃES, Marília Marques. **Adolescência**. Belo Horizonte: Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, 2006. p. 111.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Psicologia do Desenvolvimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992, p. 17.

PALANGANA, I.C. Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: **a relevância social numa perspectiva interacionista**. Dissertação de mestrado. PUC, 1998.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.